



**“QUANDO OS PORTÕES GRITAM”:
DISCUTINDO VIOLÊNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA AO
COTIDIANO DE MULHERES.**

Flaviana Custódio Silvino¹
Raquel da Silveira²

RESUMO

Este trabalho surge das experiências vivenciadas em aulas de educação física escolar, as quais, em diversos momentos eram interrompidas por situações de violência ente os/as alunos/as. Com isso passamos a tematizar o tema da violência e nos questionar de que maneira a violência se fazia presente na vida de alunos e alunas. Compreendendo que a violência adentra inúmeras esferas da nossa sociedade e é materializada em agressões físicas ou de maneira simbólica optamos desenvolver esta pesquisa a partir de uma metodologia qualitativa. Realizamos dois grupos focais com mulheres que se ocupam da educação de seus filhos/as, neto/as, sobrinhos/as e enteados/as que são estudantes de uma escola da cidade de Rio Grande/RS. O tema central foi a violência e pudemos identificar que, tanto através dos silêncios, quanto dos relatos de reação dessas mulheres, situações de violência estão presentes em seus cotidianos. A maneira com que agem envolvem uma série de relações familiares, de gênero e empoderamento. Conhecendo ‘de perto’ os atravessamentos da violência na vida dessas mulheres aprendemos que, na qualidade de docentes, não podemos negar os diversos arranjos e relações familiares que abrangem os/as alunos/as, assim como abordar estas questões dentro das salas de aulas, quadras, campos e ginásios é uma das maneiras de intervirmos na proliferação da violência dentro da instituição escolar.

Palavras-chave: violência; educação física; mulheres.

¹ Estudante de Especialização em Educação Física Escolar na Universidade Federal de Pelotas/RS-UFPEL.

² Doutorado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**"WHEN THE GATES SCREAM":
DISCUSSING VIOLENCE OF PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN SCHOOL TO
DAILY WOMEN.**

ABSTRACT

This work stems from the experiences of school physical education classes, which at various times were interrupted by situations of violence between the students. With that, we began to thematize the theme of violence and question how violence was present in the lives of students. Understanding that violence penetrates countless spheres of our society and is materialized in physical or symbolic aggressions we chose to develop this research from a qualitative methodology. We conducted two focus groups with women who deal with the education of their children, grandchildren, nephews and stepchildren who are students of a school in the city of Rio Grande / RS. The central theme was violence and we could identify that, both through the silences and the reports of reaction of these women, situations of violence are present in their daily lives. The way they act involves a series of family, gender, and empowerment relationships. Knowing 'closely' the crossings of violence in the lives of these women we learn that as teachers, we can not deny the various arrangements and family relationships that cover the students.

Keywords: violence; physical education; women.

**"CUANDO LOS PUERTOS GRITAMOS":
DISCUTINDO VIOLENCIA DE LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN LA
ESCUELA AL COTIDIANO DE MUJERES.**

RESUMEN

Este trabajo deriva de las experiencias vivenciadas en clases de educación física escolar, las cuales, en diversos momentos eran interrumpidas por situaciones de violencia entre los / as alumnos / as. Con eso pasamos a tematizar la violencia y cuestionarnos de qué manera la violencia se hacía presente en la vida de alumnos y alumnas. Comprendiendo que la violencia adentra innumerables esferas de nuestra sociedad y se materializa en agresiones físicas o de manera simbólica, optamos por desarrollar esta investigación a partir de una metodología cualitativa. Realizamos dos grupos focales con mujeres que se ocupan de

la educación de sus hijos / as, nieto / as, sobrinos / as y hijas / as que son estudiantes de una escuela de la ciudad de Rio Grande / RS. El tema central fue la violencia y pudimos identificar que, tanto a través de los silencios, como de los relatos de reacción de esas mujeres, situaciones de violencia están presentes en sus cotidianos.

Palabras clave: violencia; Educación Física; mujeres

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa abordar um tema que parece ser uma preocupação para muitos de nós: a questão da violência. Como podemos observar em notícias nacionais emitidas por diversos tipos de mídia, a violência tornou-se uma questão que adentra inúmeras esferas da nossa sociedade. Seja materializada em agressões físicas, seja materializada de maneira simbólica, a violência se faz presente na vida das pessoas no âmbito público e privado. Ao intitularmos este artigo com a frase “quando os portões gritam”, proferida por uma das informantes desta pesquisa ao se referir ao barulho do portão de sua moradia quando seu companheiro retorna para casa, é possível perceber as expectativas frente as situações de violência que daquele momento em diante podem acontecer. Como diz Saffioti (1997), em tom irônico, a violência é um dos fenômenos mais democráticos que existe, ela não escolhe cor, etnia e nem classe social. A autora ainda ressalta que a violência é filha das relações de poder, ocultando fenômenos sociais para preservação de uma determinada sociedade.

Dentro deste contexto, podemos afirmar que “o vírus da violência penetra nos poros do tecido social” (PINO, 2007, p. 764), ameaçando a saúde moral das instituições nacionais, dentre elas a instituição escolar. A escola passa a ser um *locus* em que, de maneira diversa e em distintos momentos, a violência permeia as relações entre alunos/as, professores/as e funcionários/as.

As aulas de Educação Física também são interpeladas, em algumas ocasiões, por situações de violência. Realizar atividades simples como dividir a turma para uma partida de futebol ou handebol, bem como, trabalhos em grupos, pode tornar-se algo complexo em decorrência de fatos interpessoais. Durante um projeto de extensão no Centro de Atenção à Criança e ao Adolescente (CAIC), na cidade de Rio Grande – RS, em que atuamos como bolsista e ministramos algumas aulas de educação física para o 6º ao 9º ano, vivenciamos diversas situações em que xingamentos, palavrões, agressões verbais e físicas eram utilizadas pelos discentes enquanto um meio de requererem algo e/ou de resolverem seus conflitos e

desavenças³. Foi devido a essa experiência que nos interessamos em abordar o tema da violência. Percebemos durante o projeto de extensão e as aulas ministradas que quando se está inserido em uma sala de aula, quadra esportiva, campo de futebol e ginásio com alunos e alunas pertencentes de diferentes arranjos familiares e culturais, questões extra escolar passavam a reger as relações intra escolar de maneira intensa. Foi dessa maneira que pautamos em nossas problematizações o ser professora de educação física em uma escola em que situações de violência são parte integrante do seu dia a dia.

Desde o século XX a Educação Física escolar vem passando por mudanças consideráveis. Inicialmente era direcionada para o caminho da promoção da saúde articulada discursivamente como uma ideia genérica de educação integral do indivíduo no sentido do desenvolvimento de todas as suas potencialidades (BRACHT; GONZÁLEZ, 2005). Soares (2001) ressalta que a Educação Física atuou na preparação do corpo: o feminino para a reprodução dos filhos da pátria; e o masculino para a guerra a partir de um corpo viril. Já, na década de 1980, a Educação Física escolar vem se consolidando e conquistando seu lugar nos currículos escolares com objetivos pautados na compreensão da ‘cultura do movimento humano’. Com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996) a Educação Física tornou-se um componente curricular que, somados a publicação dos PCN’s, implicaram em uma proposta em que a ênfase na aptidão física e no rendimento, que caracterizava a Educação Física escolar até meados de 1980, foi alterada. O objetivo da Educação Física escolar passou a ser fornecer oportunidade a todos alunos e alunas para que desenvolvam suas potencialidades, tornando-os/as seres humanos autônomos e críticos sabendo respeitar aos outros e ser respeitado (PCN’s 1997).

Considerando essa trajetória da Educação Física escolar e de sua complexidade no momento atual, o ser professora envolve não apenas conhecer os preceitos e disputas que sustentam o que essa Educação Física deve ser, mas também compreender as relações que esse componente curricular possui com a escola e a vida dos alunos e alunas. Muitos temas atravessam as ações docentes dentro do ambiente escolar independente se é uma aula de Português, Matemática, História ou Educação Física. O ofício de professor/a abarca uma amplitude de conhecimento que vai além da sua especificidade curricular, sendo nesse sentido que entendemos a abordagem da questão da violência fundamental para a Educação Física.

³Utilizamos para a escrita deste texto a primeira pessoa do plural, contudo é importante registrar que essa experiência no projeto de extensão e a coleta de dados desta pesquisa foram realizadas pela primeira autora do artigo.

Baseados nesses preceitos e experiência, realizamos este estudo que visa compreender as relações entre violência e escola. Para isso construímos uma pergunta inicial de pesquisa: De que maneira a violência se faz presente na vida dos alunos e alunas para além da escola? Para responder essa questão diversas possibilidades de encaminhamentos podem ser realizados. Dentre eles, optamos por limitar nosso olhar para as famílias dos alunos e alunas. Para isso nos aproximamos de um outro projeto de extensão da escola CAIC que propõem, para as famílias dos alunos e alunas, palestras mensais sobre temas pertinentes no processo de educação dos discentes. Identificamos que os familiares frequentadores dessas palestras eram na sua totalidade mulheres: mães, avós, tias, irmãs e madrastas dos/as alunos/as. Assim, passamos a delimitar nosso questionamento inicial e realizamos esta pesquisa buscando compreender de que maneira a violência integra a vida de mulheres que se ocupam da educação de seus filhos/as, neto/as, sobrinhos/as e enteados/as.

CAMINHOS INVESTIGATIVOS

É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo. Jorge Larrosa (1994, p. 69).

Seguindo os ensinamentos propostos na epígrafe, entendemos que para realizar esta pesquisa seria potente utilizarmos de narrações e relatos da história de vida. Sendo assim, optamos, pelo Grupo Focal⁴. Esta técnica de produção de dados justifica-se pela possibilidade de estabelecer diálogos com as mulheres pesquisadas, a partir dos relatos e posicionamentos delas no grupo formado, acerca do tema da violência. O grupo focal se tornou viável a partir de encontros com membros do projeto de extensão “Tempo para as famílias”. Por termos sido bolsista na escola CAIC no ano de 2015, foi possível o acesso junto à coordenadoria do projeto e assistência social. Expusemos os objetivos e problemas iniciais, bem como apresentamos o primeiro movimento de pesquisa. Com isso nos foi dada a possibilidade de realizamos dois grupos focais.

⁴ Segundo Westphalet *al* “[...] os grupos são constituídos por cerca de 6 a 15 pessoas, escolhidas por apresentarem pelo menos um traço comum, importante para o estudo proposto. Os critérios para a seleção dos participantes de uma sessão do grupo focal são determinados pelo objetivo do estudo (amostra intencional). (...) O grupo focal é conduzido por um moderador, que deve propor questões que compõem um roteiro previamente testado, preparado a partir dos objetivos do estudo. Ao moderador cabe encorajar os participantes a expressarem livremente seus sentimentos, opiniões e pareceres sobre a questão em estudo” (1996, p. 473).

No primeiro grupo focal haviam seis mulheres que se propuseram a contribuir com a pesquisa, estas pertencentes às comunidades do entorno da escola, tais como: Castelo Branco II, Cibrazém, Cidade de Águeda, Vila Maria e adjacências⁵. Estas mulheres são responsáveis por discentes da Escola, sendo três mães, uma madrasta, uma avó e uma tia. O encontro ocorreu no dia 04/05/2016 e aconteceu no teatro da escola, após uma palestra do projeto de extensão “Tempo para as famílias”. Nos apresentamos diante do grupo e com auxílio de um gravador de áudio registramos o encontro. Foram propostos cinco temas para o debate: entendimento de violências; vivências de violências; fatores geradores de violências; marcas produzidas pelas violências; efeitos das violências. O segundo grupo focal, ocorreu no dia 13/07/2017. Seguindo a mesma premissa, com o mesmo roteiro, contou com a participação de diferentes mulheres, também responsáveis por alunos e alunas da escola: três mães, duas avós, uma irmã. Optamos por chamar as participantes por meio de números⁶.

Após cada grupo focal, foi realizada a transcrição das gravações. As narrativas produzidas constituem nosso material de análise para compreendermos as maneiras que a violência integra a vida das mulheres investigadas. Após a sistematização das falas em blocos temáticos, consideramos que dois aspectos são centrais para compreendermos a maneira com que a violência está presente na vida das mulheres investigadas: os silêncios que muitas vezes fecham brechas diante de falas e as reações delas perante situações de violência que as cercam.

O SILÊNCIO TAMBÉM É RESPOSTA

A necessidade de não se comunicar evidencia-se em momentos de silêncio. O silêncio pode ser um caminho fértil para expressão do afeto, do gesto, e também, para o ato da fala, numa dimensão mais sutil. O silêncio é uma via para que a abertura do corpo se torne consciência corpo (GIL, 2002, p. 162).

Conforme a epígrafe é possível dizer que o silêncio é uma maneira de nos expressarmos. Calar-se, não participar, não reagir, fugir, desviar de situações, entre outras possibilidades são formas de se silenciar. Contudo, muitas vezes os silêncios passam despercebidos perante às falas, cabendo a nós pesquisadoras desenvolvermos uma sensibilidade que esteja atenta aos silêncios promulgados nos diferentes momentos. Com isso, abrimos possibilidades de compreender que, por vezes, são os silêncios que conduzem a conversa/pesquisa/diálogo, podendo ser eles um elemento precioso para a pesquisa.

⁵ Bairros reconhecidos como lugares periféricos, em que a violência se faz presente diariamente.

⁶ A escolha pelo anonimato se deve aos preceitos éticos dessa pesquisa.

Durante esta pesquisa os silêncios tornaram-se evidentes em momentos importantes e significativos da nossa relação com as informantes. Após as análises das informações e de reflexões sobre os momentos em que estivemos junto a elas, nos chamaram a atenção três significados que os silêncios promulgados expressavam: (1) a ação e desejo de não querer participar do grupo focal; (2) o calar-se no momento do grupo focal e/ou o fato de não relatar publicamente situações de violência que vivenciaram; e (3) o relato de situações de violência vivenciadas pelas informantes (ou de pessoas próximas a elas) em que não houve reação frente a essas situações. A partir desses diferentes significados, pudemos compreender a importância dos silêncios no processo de pesquisa.

A ação e o desejo de não participação do grupo foi identificada por nós quando em um momento que antecedia a realização do grupo focal perguntamos as mulheres que estavam na palestra ofertada pelo projeto ‘Tempo para as Famílias’ se gostariam de participar do nosso encontro e uma delas resolveu sair da sala. Ela afirmava que não queria falar sobre este assunto, olhou ao seu redor, levantou-se da cadeira e foi em direção a saída do teatro onde aconteceu a palestra. Ela não estava disposta nem a ouvir o que tínhamos a dizer, nem a falar sobre violência, o que nos levou a compreender que sua ação expressava uma maneira de se silenciar.

Tematizar a violência, que na nossa sociedade parece integrar uma esfera íntima da vida, pode ter inibido essa mulher a estabelecer uma conversa diante de outras participantes. Podendo ser considerada um ‘tabu’ pela sociedade, a violência consegue intimidar a vítima. No caso em questão a não participação dessa mulher no grupo focal nos mostrou uma ação de fuga ao debate proposto. Compreendemos que ela não participar, não expor seus relatos e não ouvir as demais participantes foi uma forma de se silenciar frente ao tema da violência. Contudo, para além do significado de fuga, outro sentido chamou a nossa atenção: o silêncio como defesa.

Falar de algo que pertence ao ambiente familiar e a intimidade, para pessoas que circulam e convivem em espaços próximos, pode integrar o que Fonseca (2004) denominou de ‘fofoca’⁷, já que em uma comunidade expor certas situações podem causar entendimentos distorcidos. Fazemos essa consideração, pois, antes de sair da sala, esta mulher nos disse: “Eu

⁷A partir de uma pesquisa etnográfica que a autora desenvolveu durante dois anos em um bairro de vulnerabilidade econômica e social na cidade de Porto Alegre/RS, ela relata que a fofoca é utilizada como arma de manipulação e de proteção dentro da comunidade. Expressa moeda de troca, instrumento de definição dos limites dentro do grupo. A fofoca é utilizada como forma de educação aos seus filhos, de maneira que estes ao ouvirem as histórias das comadres aprendem as nuances morais do grupo.

até falaria com vocês, mas não na frente destas pessoas que estão aqui, podemos marcar um outro dia, mas na frente delas não!”

Durante a realização do grupo focal, em que os relatos e conversas estabelecidos ficam a exposição de todas as participantes, percebemos que uma delas não se sentiu à vontade de falar. Essa informante preferiu se manter em silêncio e apenas ouvir as demais. A posição de não falar em grupo, ou seja, estar presente, mas não se pronunciar, nos pareceu estar entrelaçado com os códigos de convivência acordados pela comunidade em que pertenciam. Retomando novamente o conceito de ‘fofoca’, proposto por Fonseca (2004), qualquer fala interpretada de maneira diferente poderia ser uma arma de proteção ou negociação naquela comunidade e elas sabem disso.

Ao optarmos em desenvolver esta pesquisa a partir de grupo focal, sabíamos que poderíamos nos deparar com certa intimidação por parte das mulheres de participarem das conversas que seriam estabelecidas. A informante 02, por exemplo, quase não se manifestou verbalmente, mas quando perguntamos o que ela entendia sobre violência ela baixa a cabeça, não olha para ninguém e diz:

o meu palpite é o mesmo que o dela [...] Eu não! [...] E quando os portões gritam! Que tu esta em casa e escuta o barulho do portão [...] Dezoito anos de casada, meu marido [...] sem problemas, nunca vivenciei nada, se eu fosse ver estas coisas claro que eu iria falar, mas [...]. (02).

Percebe-se aqui um comportamento de timidez. As diversas reticências na fala desta mulher expressam longas pausas, em que o sentido da fala fica quase que incompreensível. Naquele momento, nos ficou evidente que essa fala traduzia um consentimento diante o ato violento, ela falou somente o que ela achava necessário, não constringendo e nem relatando nenhuma ação explícita de violência.

Outra fala que chamou a atenção foi:

Qual é o casal que não discute? Sim tem, casal tem discussão, mas... Exatamente o que a senhora falou agora, discussões, são seres humanos em conflito, até no trabalho a gente tem. (03).

De maneira semelhante a fala da informante 02, a afirmação acima também é feita com pausas e sem relatar alguma situação específica. São falas sucintas em que o silêncio passa a integrá-las de maneira tão significativa quanto as palavras proferidas. Em ambos os casos compreendemos como falas medrosas, contidas e abafadas que poderiam ser despercebidas, porém para nós, o silenciar tornou-se uma ação de defesa, em que não falar ou

falar pouco é uma forma de proteção. Nessa direção, o silêncio pode ser reflexo da condição estabelecida pelos que são considerados ‘bons cidadãos’ dentro da comunidade, conservando assim, a sua reputação dentro do grupo, de maneira que não seja posta à prova a sua ‘honra’⁸.

O terceiro significado que identificamos nos silêncios promulgados ao longo dos grupos focais dizem respeito aos diversos relatos que descreviam ações de violência doméstica pautadas por questões de gênero em que não havia reações das vítimas. A informante 06 narra um episódio que presenciou:

Nestas férias eu vivenciei, vou te contar: eu fui sair com um casal de amigos meus e aí a esposa dele ficou com muito ciúmes e o marido dela falou assim pra mim “*a gente tem que ir embora*” e eu falei assim: “*vocês que sabem*”. Eu tava curtindo a festa nem sabia o que estava acontecendo, então vamos embora porque eu estava de carona ali com eles e não tinha outro jeito de ir embora! Daqui a pouco a gente dentro do carro, eles começam a discutir e eu no banco de trás, daqui a pouco só vejo um tapão dentro do carro, mais um e de novo, eu peguei e gritei “**PARA ESTE CARRO AGORA PELO AMOR DE DEUS**”, comecei a entrar em pânico (06).

O comportamento da participante de calar-se pode ser o reflexo dos aspectos da nossa cultura em que as mulheres foram/são educadas para silenciar, e de acordo com os ensinamentos de Saffioti (2015), essas ações expressam implicações do patriarcado que envolve e domina a nossa sociedade⁹. Especialmente na instituição social ‘família’, que parece ser sustentada por uma dimensão do sagrado, as questões de gênero são pautadas por princípios machistas em que a violência pelo homem à mulher, muitas vezes é velada e consentida. A informante 12 nos relata que,

no meu caso, foi ciúmes né? Como eu estava dizendo pra ela (aponta para 10) Ele esteve preso desde os 18 aos 20 e poucos. Foi quando eu conheci ele ... ele me sufocava demais por causa daquele ciúmes, então eu... eu até... olho a novela e olho a ‘Bibi’ [uma personagem da novela] eu lembro de mim, porque eu falo pra ele, hoje a gente conversa e conversa muito e digo: ‘se fosse agora tu ia apodrecer na cadeia, eu não ia te ver, eu não ia passar pelo o que eu passei, entendesse?’ As humilhação, sabe? As revistas... é muito humilhação entendesse? A pessoa tem que ser... tem que gostar demais daquela pessoa pra ir num lugar desse. Porque é muita humilhação, passei muita humilhação né? Das ‘pessoas’ acha que eu traficava dentro da cadeia pra ele ao ponto de achar que eu traficava e que eu tinha dinheiro. (12).

⁸O termo honra é aqui compreendido enquanto moeda de troca, neste sentido, como é proposto por Fonseca (2004), a mulher é reduzida a objeto de mediação entre homens e/ou grupos de homens, a sexualidade e projetada como alvo de libidinal, aumentando a reputação masculina. A mulher constrói a sua identidade em torno dos ideais de honra familiar, castidade e pudor.

⁹No entendimento de Saffioti a noção de patriarcado é utilizada para expressar a dominação dos homens sobre as mulheres e que há pactos contratuais sociais, sexuais e que ambos remetem a sujeição da mulher. O patriarcado afeta não somente a sociedade civil, mas no entendimento dela o estado também, vai de encontro ao gênero, essa ideologia patriarcal que torna natural a dominação-exploração perante as mulheres.

Dentre as violências percebidas nessa situação descrita pela participante, destacamos primeiramente a situação de submissão frente a sua relação com o marido, exposta no ato de tolerar e se submeter aos erros dele. Assim como Strey (2012) descreveu, somente são consideradas boas as mulheres que renunciam aos seus desejos e prazeres, que conseguem, mesmo após uma infidelidade, perdoar o infiel, que tolera os maus tratos, os abusos e que não pedem o divórcio ou não abandonam o pai de seus filhos.

Essa visão é fruto de uma sociedade patriarcal que divide as mulheres, nesse caso as casadas, de forma dualista entre ‘boa esposa’ e ‘má esposa’, se esta mulher não se submeter a estas situações ela seria compreendida como uma boa esposa, enquanto que para algumas esferas da sociedade ela é vista como conivente e, por vezes, participantes dos erros, conforme a informante 12 relatou em sua fala. Segundo Saffioti (1987, p. 37), “quando se diz que a mulher sempre consegue tudo o que quer do marido com o seu jeitinho”, isso remete a ideia de que “é dever dela sempre estar à sombra do marido, não se expor para não o ridicularizar perante os outros”, ou seja, de toda a forma ela é subjugada.

Outro aspecto de violência está na humilhação de se submeter aos procedimentos estabelecidos nos centros de detenção masculinos. Começando ao chegar na penitenciária, ao receber os olhares julgadores ao seu redor, aos olhares e rejeição da própria família e fundamentalmente a humilhação frente aos agentes do Estado. Assim, ao refletirmos sobre a situação descrita pela nossa informante, ficou evidente que em muitos momentos a submissão aos processos machista do funcionamento da sociedade e as diferentes humilhações que precisam ser enfrentadas pelas mulheres podem ser compreendidas como uma forma de silenciar-se a essas ações violentas. Isso não significa que elas não sejam críticas frente a essas submissões e humilhações, mas sim, que em certos momentos, a ação de silenciar é uma maneira de enfrentá-las, em que as implicações parecem ser um sofrimento solitário, já que não podem ser compartilhados.

Outra fala dessa informante que nos chamou a atenção foi:

Ahhh não, sim, agora sim, uns seis anos pra cá ele é uma bênção, mas em seguida que eu me casei... pobrezinho, passei tanto trabalho, tanto trabalho, chorando, porque o meu marido me batia né? E ele (filho) ficava chorando correndo em frente do pátio (os olhos dela se enchem de lágrimas) era um inferno... Agora graças a Deus (aos prantos). (12).

A narrativa acima remete ao fato de que mesmo carregando tanto sofrimento como ela relata, não estava presente no seu rol de possibilidades de ações a separação, devido a

importância do matrimônio no universo cultural em que ela estava inserida. Nessa situação a não reação, de maneira semelhante ao que descrevemos anteriormente, também expressa uma maneira de silenciar-se.

Enfim, atentar para os sentidos dos silêncios nos mostrou diferentes relações que o calar-se, o não reagir, o fugir e a não participação estabelecem com a violência. Importante lembrar que essa sistematização dos significados dos silêncios foi uma maneira analítica que encontramos para compreender a questão da violência em algumas situações, logo, não pode ser entendida como uma classificação da realidade que pode ser extrapolada para outros contextos. Também queremos advertir que não estamos considerando essas mulheres fracas ou frágeis, já que segundo Saffioti (1997) a mulher tem uma capacidade de resiliência. Se em alguns casos por nós descrito, a ação de silenciar-se pode remeter a falta do empoderamento¹⁰, em outros casos fica evidente uma mudança. Um exemplo é o fato delas estarem se dispondo a participar do projeto “Tempo para as famílias” a qual consiste em uma maneira de construir novas possibilidades de entendimentos sobre questões importantes de suas vidas, inclusive, frente às relações sociais que estabelecem, em que temas como gênero e violência estão em evidência. Silenciar, portanto, não é sinônimo de aceitação, mas deve ser compreendido em cada caso.

EM TEMPO DE RESISTIR, REAGIR E REEXISTIR

Se os silêncios nos fizeram refletir sobre violência, as falas nos grupos focais também expressaram muitas reações frente as situações de violência vivenciada pelas mulheres. Ao serem protagonistas perante situações de violências, percebemos nos relatos três processos desencadeados pela reação frente a essas situações que elas vivenciaram: (1) a ação de reagir frente a situações violentas; (2) o marco zero em suas vidas; e (3) o significado do verbo reexistir para essas mulheres.

Entendemos que reagir diante da violência não é um processo fácil e muitas vezes requer uma rede de apoio para conduzir a situação. Esse foi o caso de uma de nossas colaboradoras:

Poh... violência hoje em dia é qualquer coisa, qualquer palavra é motivo de violência, querem se bater, querem se dar tiro... é esta demais olha o que eu passei com o *fulano* no ano passado, tu não podes desistir, até no CAPS, eu me tratei no CAPS, eu fui no saúde mental, eu já não aguentava mais. Tentei até matar o meu marido. (11).

¹⁰ Um conceito inovador muito usado nos últimos anos, que significa dominação de algo ou situação para si próprio.

Na fala acima o tom do relato segue um rumo de desabafo em que os fatos passados não condizem com a sua compreensão atual sobre a maneira com que ela reagiria. O fato de buscar ajuda em uma instituição de tratamento, remete ao comportamento de reação imediata aos conflitos vividos dentro do seu âmbito familiar. Esse relato, e suas reações no momento do grupo focal, nos faz perceber que algumas mulheres conseguem enxergar o seu limite frente as situações de violência e que precisam de ajuda para contrapor-se às essas situações.

Em outro momento a informante 12 nos relatou que sua filha estava em casa sozinha e que um senhor de idade que era seu vizinho foi até a sua casa e falou com a sua filha sobre um material que ele deveria entregar e ao mesmo tempo assediou-a dizendo a ela que era muito bonita e que deveria namorar. Ele foi insistente em seus comentários, e assim que ela chegou em casa a sua filha relatou o que havia acontecido. Ela prontamente foi ao encontro do assediador para falar com ele, como ela mesma diz “na elegância e na educação”, conversou com ele dizendo que era para ele parar com isso. Ele por outro lado disse que era um mal entendido, ela por sua vez disse que não era não e seria melhor ele ficar longe da filha dela, já que iria tomar as suas providências.

Como a informante relata, ela reagiu de maneira “firme” frente à violência fazendo assim, com que o homem parasse e a situação de assedio não teve continuidade. A reação da nossa informante foi fundamental e passou a integrar um momento que demarcou para ela e para a sua filha a possibilidade de não aceitar situações semelhantes com a que aconteceu. Conforme pudemos constatar nas falas do grupo focal, reagir a uma situação de violência é um “marco” na vida das mulheres investigadas, é o recomeço, possibilitando uma nova tentativa, uma nova vida:

Eu também apanhei, eu levei uma vez só, um soco muito bem dado na orelha, chegou a zunir até o cérebro em 2009 e eu fui me embora, o que que acontece, o filho cresce revoltado e acaba matando o pai né? Como é que ele vai aceitar que ele bata na mãe dele? Filho nenhum aceita Deus me livre. Deus me livre se eu ficar em casa eu acabo com marido com a casa com tudo. (11).

Na fala acima, a informante relata um momento difícil, percebemos que foi o estopim para a sua reação. A violência sofrida e a reação de sair de casa acabou definindo os seus próximos passos. O anseio por uma solução, por reagir frente as ações sofridas e não ‘naturalizar’ os atos violentos, como a informante nos relata, suscita uma outra questão que

muitas das violências vivenciadas por essas mulheres está vinculada: a de gênero¹¹. Os casos que as colaboradoras dessa pesquisa reagiram, coloca em debate a violência e o patriarcado como fenômenos naturais da sociedade e cultura em que estamos inseridos, conforme identificam (SAFFIOTI; ALMEIDA,1995).

O momento em que elas se impõem aos atos violentos significa além de ser um marco nas suas vidas, é um momento em que elas se tornam visíveis, ou seja, passam a reexistir diante delas e da sociedade, surgindo, assim, uma nova possibilidade de vida, tanto para elas quanto para os que as rodeiam.

O meu marido está com 39 anos, então, quer dizer que foram anos assim, até que chegou um dia e eu me impus, eu disse pra ele [secando as lágrimas] tu nunca mais vai me bater, tu vai embora ou acaba aqui, nossos filhos estão crescendo no meio dessa... turbulência né? E agora eu tenho uma bebezinha né? Então assim oh, está maravilhosa a minha vida, quem me viu, quem conviveu comigo... hoje as gurias falam fulana o que que tu fez com negão fulana? Negão está uma água morna, só em casa, eu não fiz nada só me impus, exigi que ele me respeitasse e ai tem as guriaszinhas que se casam [...] ahh o fulano não deixa eu olhar pro lado e eu falo pra elas... Esse era o meu caso, eu não podia respirar gurias Deus me livre se eu fosse sair (09).

O processo de reagir, fazer desse momento um marco em sua vida, e a partir de então estabelecer uma nova maneira de viver é uma trajetória que foi evidenciada por muitas falas durante a pesquisa, contudo isso não quer dizer que seguir esse caminho é fácil. Identificamos que a dependência matrimonial vivenciada por grande parte das mulheres faz com que elas tenham dificuldades de reagir e modificar suas formas de viver. Neste caso relatado acima, a informante percebeu que o caminho que a sua vida conjugal estava tomando poderia atrapalhar na formação dos seus filhos. Foi assim que ela, então, se impôs e estabeleceu uma nova trajetória para a sua família e para ela própria.

Enfim, compreendemos que a ação de resistir, reagir e reexistir é um trajeto construído pelas mulheres, com o auxílio de uma rede de apoio, para modificar suas vidas em relação a violência e seus efeitos. Os relatos feitos ao longo dos grupos focais nos mostram que os episódios violentos não estão mais presentes na vida dessas mulheres, porém continuam na memória delas e ganham materialidade nos sentimentos que expressam.

Após refletir sobre os silêncios e as reações evidenciados pelas falas, consideramos importante retornar para problemática inicial desta pesquisa e apontar algumas pistas para compreender a maneira que a violência se faz presente na vida dos alunos e alunas da escola.

¹¹ Para Saffioti, a questão do gênero é ampla, não se resume apenas ao fato de desigualdade entre homens e mulheres, ele está atrelado a história, a cultura, ao sexual e ao patriarcado.

Atentas a nossa condição de professoras de Educação Física, elaboramos as considerações finais chamando atenção para as implicações que as informações decorrentes desta pesquisa suscitam para a nossa atuação, entendendo que problematizar a violência dentro da escola e das aulas de Educação Física que lá acontecem é uma questão que fica em aberto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do momento que a Educação Física passa a integrar os componentes curriculares escolar e participar da construção do Projeto Político Pedagógico desta instituição as preocupações se ampliam. Somada a isso, o próprio movimento de inserção da noção de cultura do movimento humano enquanto uma possibilidade de objeto central da Educação Física escolar, faz com que as trajetórias de vida de alunos e alunas, inclusive no âmbito familiar, sejam pautadas. O contexto em que a escola está localizada, a política e princípios educacionais que guiam essa escola e os arranjos familiares que os/as alunos/as estão inseridos tornam-se aspectos importantes para o/a professor/a de Educação Física.

Ao atuarmos como bolsista em uma escola pública podemos acompanhar o dia a dia dos/as alunos/as e nos deparamos com situações em que questões advindas de fora da escola se faziam presentes nas suas formas de se relacionar com os colegas e de participar das aulas de Educação Física. Os/as alunos/as ao estarem na escola não se despem dos vínculos, relações e acontecimentos ocorridos fora dos portões da escola. As violências sofridas por suas mães, tias, avós e madrastas de algum modo refletem no ambiente escolar, afetando assim, a sua estada na escola. Ao longo desta pesquisa, podemos observar nas falas das mulheres investigadas, responsáveis pela educação de seus/suas filhos/as, sobrinhos/as, netos/as e enteados/as que a educação é caminho para não violência. Podemos dizer que na compreensão dessas mulheres, se a educação não é a solução para acabar com a violência, sem educação a violência não tem solução. Seja através de silêncios ou de reações diante dos atos violentos, as atitudes delas estão sempre relacionadas com o processo de educação e formação de seus/suas filhos/as, netos/as, sobrinhos/as e enteados/as.

Deste modo, a pesquisa nos ensina que, enquanto docentes, não poderemos negar os diversos arranjos e relações familiares que abrangem os/as alunos/as, assim como não podemos deixar de abordar estas questões dentro das salas de aulas, quadras, campos e ginásios. Se a violência é um fenômeno passível de educação, torna-se, portanto, responsabilidade de todos que atuam no ambiente escolar. Assim, parece imprescindível

percebermos e nos sensibilizarmos com as violências presente fora e dentro da escola que cercam nossos discentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em. <Acessado em 11/09/2017>.

BRACHT, Valter; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Educação física escolar**. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Orgs.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 150-156.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação física: raízes européias e Brasil**. 2. ed. revista. Campinas: Autores Associados, 2001.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Entre o “não mais” e o “ainda não: pensando saídas do não lugar da EF escolar II**. Cadernos de Formação RBCE, p. 10-21, mar. 2010.

FONSECA, Claudia. Família, focoa e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, José. **Movimento total**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth **Gênero, patriarcado e violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

Dicionário crítico de educação física. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

SAFFIOTI, H.; ALMEIDA, S. S. [Org.] Brasil: violência, poder e impunidade. In: **violência de gênero- poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, p.52-72.

PINO, Angel. **Violência, educação e sociedade**. Educ. Soc, Campinas, vol. 28, n.100-Especial, p. 763-785, out. 2007

WESTPHAL, Marcia Faria; BÓGUS, Claudia Maria e FARIA, Mara de Mello. **Grupos focais**: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. Disponível em: <http://hist.library.paho.org/spanishqbol/v120n6p472.pdf> Acesso em: 13/08/2017.